VAUCHEZ, André. Francisco de Assis: entre história e memória. Tradução de José David Antunes e Noémia Lopes. Lisboa: Instituto Piaget, 2013. 431p.

Thiago Maerki de Oliveira*

“Mais uma Vida de Francisco de Assis! Poderá alguém comentar, abrindo o livro. Tantas foram já publicadas que a sua pessoa nos parece suficientemente conhecida, familiar até” (VAUCHEZ, 2013, p. 15). Com essas palavras, inicia-se o “preâmbulo” de *Francisco de Assis: entre História e Memória*, ao longo do qual André Vauchez procura justificar a escrita de mais uma biografia de São Francisco de Assis. É certo que muito já se falou e escreveu sobre este que é considerado um dos mais importantes santos da cristandade ocidental, entretanto há muitas de suas facetas ainda para serem descobertas, haja vista o recente aparecimento de um manuscrito biográfico inédito, encontrado por Jaques Dalarum em biblioteca particular, que narra a vida de Francisco. No que tange à obra em questão, à leitura das primeiras páginas, é possível notar que não se trata simplesmente de mais uma biografia – ao menos na acepção moderna deste gênero literário, que narra cronologicamente a vida de uma pessoa, geralmente importante –, ao contrário, a vida do santo funciona como mote para desbravar historicamente o período em que ele viveu (séculos XII e XIII), descortinado a influência que exerceu não só na Idade

Resenha recebida em 17 de fevereiro de 2015 e aprovada em 29 de abril de 2015.

* Mestre e Doutorando em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). País de origem: Brasil.
E-mail: thiagomaerki@yahoo.com.br

Média mas também nos períodos subsequentes, chegando até mesmo a tratar da presença dele nos tempos atuais. Esta obra, de imensa importância para historiadores, críticos literários, teólogos e todos aqueles que se interessam pelo medievo, vem à tona em tradução para a língua portuguesa em momento oportuno porque, já há algum tempo, os países lusófonos sentem-se órfãos de publicações consistentes e abrangentes, metodologicamente falando, sobre o *Poverello* de Assis. A importância da obra não se justifica somente pelo seu assunto, mas também pelo seu autor: o historiador André Vauchez, membro da Escola Francesa de Roma e especializado em história da santidade e espiritualidade medievais, é atualmente um dos mais importantes peritos em história do franciscanismo.

A obra divide-se em quatro partes: 1 - “Perfil Biográfico” (1182-1226); 2 - “Morte e Transfiguração de Francisco” (1226-1253); 3 - “Imagens e mitos de Francisco de Assis da Idade Média até nossos dias; e 4 - “A novidade franciscana”. Ao final, apresenta também consistente bibliografia sobre os assuntos abordados, dividida em “Obras gerais” – de acordo com Vauchez, obras consultadas para a elaboração do livro –, e “Bibliografia por capítulos” – em que o autor apresenta as obras utilizadas na elaboração específica de cada capítulo. Após a bibliografia, apresenta-se uma “Cronologia” que se inicia em 1182, com o nascimento de Francisco, e chega até 1230, com a transladação das relíquias do santo para a nova basílica erigida em sua honra. Por fim, a obra traz, como apêndice, o *Testamento* de São Francisco, escrito muito provavelmente em setembro de 1226, pouco antes da morte do santo, em que ele apresenta sua vontade aos seus seguidores que, a esta época, formavam a já conhecida Ordem dos Frades Menores. Este texto, como defendem muitos especialistas, inclusive André Vauchez, seria uma súplica do fundador para que os frades não se desviassem do carisma inicial, pautado pelo viver sem ter nada de próprio e em fraternidade.

A primeira parte constitui o que há de mais propriamente biográfico, na acepção original deste termo, no sentido de retratar, de fato, a Vida de São Francisco,

iniciando pelo seu nascimento, provavelmente em 1182, até chegar à sua estigmatização e à escrita do *Testamento*. Na segunda parte, trata-se de como teria se dado a “santificação” de Francisco, ou seja, da “morte de um homem” e do “nascimento de um santo”; discutem-se ainda, nessa seção, as polêmicas em torno do verdadeiro espírito franciscano, dividido, a esta altura, por pelo menos dois grupos díspares: os espirituais – que pregavam o retorno ao verdadeiro espírito de pobreza e vivência evangélica do fundador – e os conventuais – que defendiam a clericalização e “atualização” da Ordem. A terceira parte trata das leituras realizadas sobre São Francisco, da Idade Média aos nossos dias, abordando fontes caras ao pensamento e à história franciscana, como as hagiografias medievais sobre o santo – as *Vidas I e II*, escritas por Tomás de Celano; a *Legenda Maior*, de São Boaventura (feita biografia oficial do santo); os *Actus beati Francisci et sociorum ejus*; os *Fioretti*; o *Livro das Conformidades*; e a iconografia de Francisco. Ainda nesta parte, Vauchez apresenta a influência que Francisco teria exercido no pensamento de importantes pensadores como Lutero e Voltaire e a “redescoberta” do *Poverello* no século XIX, principalmente através de estudos realizados por Ernest Renan e Paul Sabatier, este responsável pela escrita de uma biografia de São Francisco, publicada em 1893, que se tornou um divisor de águas nos estudos franciscanos, por tratar-se de texto pautado pelo espírito positivista e de “retorno às fontes”, que encabeçou a busca pelo “verdadeiro Francisco”. A quarta e última parte, a princípio, comenta sobre os escritos deixados pelo santo, os quais podem ser contrapostos aos relatos hagiográficos. Segundo Vauchez, “ao contrário de muitas figuras religiosas de seu tempo, como São Domingos, por exemplo, ele [São Francisco] deixou um certo número de escritos” (p. 311). Esse fato, entretanto, não permite “rejeitar *a priori* como impuros os testemunhos dos hagiógrafos medievais, que colheram, cada qual ao seu modo e à sua medida, uma parte da verdade do seu personagem” (p. 311). Para o autor, o contato com os escritos do santo permite conhecer sua relação com Deus, já que não apresentam reflexões filosóficas ou teológicas, manipuladoras de sua espiritualidade, como as que estão não raro presentes nas hagiografias medievais. Dentre estes escritos – cerca de trinta reconhecidamente autênticos – estão, além do

Testamento: um bilhete dirigido a Santo Antônio de Lisboa, no qual Francisco o autoriza a ensinar teologia aos Frades Menores; o *Ofício da Paixão do Senhor*; as *Regras*; as *Admoestações*; o conhecido *Cântico do Irmão Sol* – originalmente escrito em dialeto umbro; a *Última Vontade*, dentre outros. Nesta parte, Vauchez também procura identificar o alicerce dos escritos de Francisco, que parecem inspirar-se, grosso modo, na liturgia e nas *Sagradas Escrituras*, embasados por uma espécie de retorno aos *Evangelhos*, tendência comum na Idade Média e seguida pelo santo. Como leigo que era, entretanto, sua interpretação da Bíblia era simples, já que, não tendo tido acesso aos estudos – à exceção da escola primária, que parece ter frequentado quando jovem –, não tinha conhecimento dos princípios exegéticos e hermenêuticos que regiam, naquele momento, a interpretação dos textos sagrados. Depois dessa abordagem, Vauchez trata também de temas importantes ligados à espiritualidade de São Francisco, como sua relação com a natureza, com o mundo e sua admiração pela criação; a influência de seu carisma na Igreja; e o sucesso que a mensagem do *Poverello* teve na Itália e, posteriormente, em todo o mundo. O autor termina perguntando-se: “Francisco profeta para o seu tempo... ou para o nosso?”, em uma conclusão em que procura apresentar “por um lado, a novidade essencial de Francisco aos olhos dos homens de seu tempo e, por outro, o que pode ele representar ainda para o nosso” (p. 399).

A leitura da obra certamente mostrará ao leitor que se trata de trabalho ambicioso, no sentido de constituir-se como uma visão geral, não só sobre São Francisco e a ordem religiosa por ele fundada, mas também sobre sua influência ao longo dos anos. Sem dúvida, é um livro monumental, fruto de muitos anos de pesquisa, de trabalho e de rara erudição. É uma obra que não deve faltar na estante daqueles que se interessam pela Idade Média, por Francisco de Assis e pelo fenômeno da santidade de uma maneira geral, já que Vauchez, partindo do retorno a documentos originais de Francisco e de seus contemporâneos, fornece uma avaliação objetiva e histórica do *Poverello* de Assis.